

# CSN prepara novo ciclo de investimentos e aposta em modernização

Com plano de R\$ 8 bilhões até 2028, empresa quer redução de custos e transição tecnológica

Em um ambiente global marcado por excesso de oferta de aço, pressão de custos e avanço das importações, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) decidiu reforçar sua aposta no principal negócio do grupo. Publicado na quinta-feira (30), o Relatório Integrado 2025 indica que, longe de reduzir exposição à siderurgia, a empresa prepara um novo ciclo de investimentos voltado à eficiência operacional, à modernização de ativos e à adaptação a um mercado cada vez mais competitivo.

O movimento ocorre em um contexto adverso para a indústria nacional. Juros elevados no Brasil, combinados com a maior entrada de aço estrangeiro, comprimiram margens e reduziram a previsibilidade do setor ao longo do ano passado. Ainda assim, a companhia sustenta que a resposta estratégica passa por fortalecer sua base industrial, com foco em ativos considerados estratégicos e de difícil replicação.

O principal vetor desse esforço está concentrado na Usina Presidente Vargas (UPV), em Volta Redonda, onde a CSN concentra o coração de sua produção siderúrgica. A empresa projeta investir cerca de R\$ 8 bilhões até 2028 no segmento, com recursos destinados à modernização de etapas críticas do processo produtivo, como sinterização, coqueria, altos-fornos, aciaria e laminação.

## Produção de coque

Um dos pontos centrais do plano é a ampliação da produção própria de coque, insumo fundamental para os altos-fornos. A estratégia busca reduzir a dependência de importações, aumentar a estabilidade operacional e melhorar o desempenho térmico dos equipamentos, com impacto direto sobre o custo final do aço.

Os resultados de 2025 mostram que a companhia já iniciou um ajuste na estratégia comer-



Usina Presidente Vargas onde a CSN concentra o coração de sua produção siderúrgica

cial e produtiva. Em vez de priorizar volume, a CSN reduziu as vendas de aço para 4,2 milhões de toneladas — queda de 7,5% em relação ao ano anterior — como forma de preservar margens em um ambiente de forte competição.

## Desempenho financeiro

Apesar da retração no volume, o desempenho financeiro da siderurgia apresentou melhora. O segmento registrou Ebitda de R\$ 2,2 bilhões, com margem de 10%, refletindo ganhos de eficiência e redução de custos. A companhia destaca que atingiu o menor custo de produção de placas dos últimos quatro anos, resultado atribuído à maior utilização de ativos e à otimização do uso de insumos.

Outro eixo relevante dos investimentos está na digitalização industrial. A empresa pretende ampliar o monitoramento preditivo de seus ativos,

elevando o percentual de equipamentos sensorizados de 3% para 15% nos próximos dois anos.

A iniciativa busca reduzir falhas, aumentar a disponibilidade operacional e otimizar custos de manutenção, em um setor onde a confiabilidade dos equipamentos tem impacto direto sobre a rentabilidade.

## Meio Ambiente

A agenda ambiental também ganha peso na estratégia da companhia. A CSN reporta redução de 7% na intensidade de emissões de CO2 na siderurgia em relação ao ano-base, além de investimentos significativos em controle de emissões na UPV, com queda relevante na emissão de material particulado.

No exterior, a companhia avança com operações de menor intensidade de carbono, como a unidade na Alemanha que utiliza forno elétrico a arco e energia

renovável, alinhando parte de sua produção a padrões ambientais mais exigentes.

Outro destaque é a sinergia entre a siderurgia e os demais negócios do grupo. O relatório reforça a tese de que a integração entre siderurgia, mineração, logística, energia e cimentos permanece como principal vantagem competitiva da CSN. Essa estrutura permite maior controle sobre custos, redução de riscos operacionais e captura de sinergias ao longo da cadeia produtiva.

Em um cenário de volatilidade global, a estratégia integrada funciona como amortecedor, reduzindo a exposição a oscilações de preços e gargalos logísticos.

Mesmo com os investimentos em curso, o momento segue desafiador. A companhia reconhece que o setor ainda sofre com a concorrência do aço importado e com o excesso de oferta global, especialmente com a presença dominante da China.

# Nova troca de comando expõe crise na Eletronuclear e mantém alerta no setor

Tomaz Silva/Agência Brasil

A Eletronuclear informou, na sexta-feira (1º), que Raphael Ehlers dos Santos assumiu interinamente a presidência da companhia, acumulando a função com a atual Diretoria Técnica. A mudança decorre do desligamento de Alexandre Caporal, até então presidente interino. Com a nova composição, Gustavo Loureiro Chagas, que estava na Axia Energia, passa a responder pela Diretoria Financeira.

Engenheiro mecânico e servidor público federal de carreira do Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI), Raphael Ehlers dos Santos possui mais de 20 anos de experiência no setor energético. Já Gustavo Loureiro Chagas é economista, mestre na área, com mais de 15 anos de atuação no setor elétrico,

incluindo passagens por empresas de transmissão e pela Eletrobras (atual Axia Energia), onde ocupava o cargo de gerente executivo. As demais diretorias permanecem inalteradas. Em nota, a companhia “reafirmou seu compromisso com a segurança e a excelência operacional das usinas de Angra 1 e Angra 2, com a governança, a transparência, com a sustentabilidade econômico-financeira e com o fortalecimento do Programa Nuclear Brasileiro”.

## Crise que se arrasta

A sequência de mudanças na presidência da Eletronuclear evidenciou uma crise interna que vai além de disputas administrativas e atinge o coração do setor nuclear brasileiro. Em meio a pressões políticas, questionamentos



Eletronuclear opera usinas nucleares de Angra dos Reis

sobre gestão e desafios técnicos, a estatal responsável pelas usinas de Angra 1, Angra 2 e pela construção de Angra 3 vive um momento de incerteza.

Nos bastidores, a troca de

presidentes é interpretada por especialistas como reflexo de uma disputa por controle político da empresa, vinculada à Eletrobras. A falta de continuidade na gestão tem impacto direto sobre deci-

sões estratégicas, principalmente no andamento de Angra 3 — obra paralisada por anos, retomada com promessas de conclusão, mas ainda cercada por dúvidas financeiras e operacionais.

A crise se intensifica em um cenário já sensível. A Eletronuclear carrega o histórico da Operação Lava Jato, que atingiu contratos da estatal e comprometeu sua imagem institucional. Desde então, a empresa tenta reconstruir credibilidade junto a investidores e órgãos reguladores, mas a instabilidade recente reacende temores sobre governança.

Outro ponto crítico é o financiamento de Angra 3. O empreendimento demanda bilhões de reais e depende de um modelo econômico que ainda enfrenta resistência no mercado.